

O DIABO		MAIS	
TEMPO	15.11.85	TV-GUIA	
O PAIS		SETE	
O JORNAL		EXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
		OFF-SIDE	

CRÓNICA

# Justiça, injusta

Manuel de Portugal

**Q**UEM tenha, da Democracia, ideia mais vasta e profunda (que exceda que derrotou Soares. Mas sim o escândalo dum governo que viajava para todo o lado por dá cá aquela palha, o escândalo de se ler em tudo quanto é jornal ou revista que este almoçava com aquele no mais caro restaurante desta tão cara Lisboa e que, com uma impunidade que roçava nas raíais do desafio, os carros do Estado passeavam mulheres e amantes, filhos e Amigos nos dias úteis de serviço oficial, nos fins-de-semana e nas férias. O desecramento chegou a tal ponto que alguns já mandavam os motoristas atestar os depósitos nas tardes de sexta e ficavam com as chaves para, sem testemunhas, gastarem a gasolina a seu bel-prazer com quem muito bem entendessem. O que custa, na austeridade, é uns passarem fome e outros arrotarem de indigesta e desnecessária fartura. E foi aí

que Mário Soares cavou a sua sepultura eleitoral. Mas mereceria uma euchapota tão grande?

Geralmente os povos são volúveis. Churchill ganhou a guerra, mas foi Adolfo Hitler quem venceu. Em Democracia, como os governos mudam (e em PORTUGAL mudam com demasiada frequência...) uns semeiam o grão e outros é que comem o trigo. Isto conduz à salutar realidade de que, em Democracia, quem ganha sempre é o País e não o governo, porque o que interessa é que se façam milagres, mesmo que se não saiba o nome dos santos.

Preocupante, quanto a mim, não é saberemos se Zenha poderá ter mais votos que Madre Pintassilgo na corrida para Belém ou se Freitas do Amaral (apesar de toda a máquina de propaganda que tem) conseguirá ultrapassar Soares na segunda curva da estrada. Preocupante é, desde 74, vivermos em ciclos alternados de Esperança e desilusão, experi-

mentando receitas mágicas preparadas por cozinhados que, um a seguir a outro, deixam queimar o refogado e dizem sempre que a culpa é do que estava na frigideira. Não se trata de uma iniciativa Privada, mas querer a segurança da protecção estatal, a rigidez dum Constituição que as forças destrutivas invocam sempre que alguém procura reconduzir o País para a ordeira e lógica disciplina a que o Progresso obriga, o respeito pela propriedade (independentemente da sua natureza) a admiração pelos competentes criadores de riqueza e assim por diante. Ou seja a completa inserção dos Portugueses nos padrões e valores do Mundo Livre (ou da Civilização Ocidental, se preferirem...) por forma a não ser um anátema ser rico, a não se ser criminoso de guerra só porque se tem uma herdade maior.

Justiça houve na derrota de Soares. Injusta, porém, foi a amplitude da mesma. Bom é que Cavaco saiba, a tempo, pôr as barbas de molho...





O DIABO		MAIS	
TEMPO	15.11.85	TV-GUIA	
O PAIS		SETE	
O JORNAL		ÉXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
		OFF-SIDE	

## CRÓNICA

## Justiça, injusta

## Manuel de Portugal

QUEM tenha, da Democracia, ideia mais vasta e profunda (que exceda o simples aparato do emotivo Carnaval das eleições) não pode estar satisfeito com o panorama actual, manietado o Poder em governo minoritário que talvez se possa aguentar por transigências e acordos vários, mas sem capacidade para implantar as grandes mudanças estruturais tão necessárias como desejadas. Ironicamente me garantem que se Cavaco conseguisse sobreviver até começar o Campeonato do Mundo de Futebol é possível que chegue, também, a fim do mandato...

Nunca escondi que não acredito em Mário Soares. Mas, ao contrário do que se possa pensar, jamais me regozijaria com a sua (tremenda) derrota. A punição que lhe infligiram foi consequência não só duma passiva e obediente submissão aos ditames do Fundo Monetário Internacional, como, igualmente, ao total falhanço em captar a confiança dos Portugueses de tão queimado estar por mil promessas feitas e nunca cumpridas. Se dirá que o veredicto das urnas foi um acto de Justiça. Será. Mas a extensão do revés, as sequelas do desastre, as consequências da ruína vieram mostrar como a governação é difícil nos dias que correm, por tal forma que se arreigou a mentalidade hedonista de que o crescimento do bem-estar jamais terá fim, em cada dia que passa, é possível aumentar os salários ao mesmo tempo que se reduz o horário de trabalho e a produtividade diminua. Todos sabemos quão impopular é toda e qualquer política de apertar o cinto. Mas, por muito impopular que seja, ela é compreensível e aceitável se o Povo sofredor e pagante constatar que a austeridade a todos toca por igual, do mais humilde cidadão ao mais categorizado governante.

Não foi, quanto a mim, a austeridade que derrotou Soares. Mas sim o escândalo dum governo que viajava para todo o lado por dá cá aquela palha, o escândalo de se ler em tudo quanto é jornal ou revista que este almoçava com aquele no mais caro restaurante desta tão cara Lisboa e que, com uma impunidade que roçava nas raias do desafio, os carros do Estado passeavam mulheres e amantes, filhos e Amigos nos dias úteis de serviço oficial, nos fins-de-semana e nas férias. O descaramento chegou a tal ponto que alguns já mandavam os motoristas atestar os depósitos nas tardes de sexta e ficavam com as chaves para, sem testemunhas, gastarem a gasolina a seu bel-prazer com quem muito bem entendessem. O que custa, na austeridade, é uns passarem fome e outros arrotarem de indigesta e desnecessária fartura. E foi aí

que Mário Soares cavou a sua sepultura eleitoral. Mas mereceria uma cachaporrada tão grande?

Geralmente os povos são volúveis. Churchill ganhou a guerra, mas foi Atlee quem venceu as eleições. Porque, entre o possível e o desejável, a utopia motiva mais que a razão. E se tivermos que democraticamente escolher entre quem nos quer obrigar a uma rígida disciplina social e quem nos leve a acreditar que, com ele, iremos a caminho dum mundo melhor, é certo e sabido que a opção se faz a favor do mel e nunca a favor do vinagre.

É curioso, para quem não tenha memória curta, lembrar como foi fácil assaciar ao governo anterior uma péssima política agrícola. E, no entanto, o ministro é precisamente o mesmo e milita não na área socialista, mas sim social-democrata. Virei o bico ao prego e sou, agora, um esforçado defensor do PS? Garanto que não. Mas se permitirem lembrar que tenho, da Democracia, uma ideia mais vasta que o limitado universo das vitórias e derrotas eleitorais, gostaria de chamar a vossa paciente atenção para o facto que, desde 1974 até hoje, nunca o Povo Português conseguiu definir com clareza (e maioria de votos) o tipo de sociedade em que pretende viver, nunca nenhum governo eleito teve de passar no exame de chegar ao fim do mandato para vermos se foram uns nabos ou talvez uns génios.

REPAREM no caso das fragatas para a Marinha de Guerra. Foi o anterior governo que conseguiu reunir as condições para as encomendar. Mas como só estão prontas daqui por cinco ou seis anos quem vai recolher os dividendos do bonito da inauguração vai ser o Executivo que nessa altura estiver no poleiro, mesmo que, é possível, nada tivesse a ver com o assunto. Em ditadura, como o Regime é estável e há uma continuidade com ou sem evolução, os louros das benfeitorias recaem sempre no governo que lhes deu origem. Em Democracia, como os governos mudam (e em PORTUGAL mudam com demasiada frequência...) uns semeiam o grão e outros é que comem o trigo. Isto conduz à salutar realidade de que, em Democracia, quem ganha sempre é o País e não o governo, porque o que interessa é que se façam milagres, mesmo que se não saiba o nome dos santos.

Preocupante, quanto a mim, não é sabermos se Zenha poderá ter mais votos que Madre Pintassilgo na corrida para Belém ou se Freitas do Amaral (apesar de toda a máquina de propaganda que tem) conseguirá ultrapassar Soares na segunda curva da estrada. Preocupante é, desde 74, vivermos em ciclos alternados de Esperança e desilusão, experi-

mentando receitas mágicas preparadas por cozinheiros que, um a seguir a outro, deixam queimar o refogado e dizem sempre que a culpa é do que estava na cozinha antes deles. Preocupante é termos vivido com governos «socialistas» que faziam política capitalista e com governos de capitalistas envergonhados que, devido ao maldito complexo de Esquerda, ainda queriam ser mais socialistas que o Papa...

O toque a finados por Soares começou quando ele se não soube assumir pragmática e ideologicamente com clareza, com determinação, com Verdade. Ganhar eleições prometendo o Socialismo e, depois, metê-lo na gaveta não abona politicamente quem o faz e conduz, mais cedo ou mais tarde, ao descrédito total.

Quem hoje pode acreditar naquilo que Soares nos disser? Mas, se pusermos a mão na consciência (para quem a tem acordada) podia Soares ter feito outra coisa?

Herdeiro dos quiméricos sonhos do Socialismo do século dezanove, não soube compreender que, em Política, se tem que parecer aquilo que de facto se é. Por forma a que os povos (sempre desconfiados nos seus raciocínios, sempre ávidos de menos trabalho e mais regalias) sintam que há uma sintonia perfeita entre os seus desejos subconscientes e o governante que lhes dá a ilusão de os poder realizar.

Saídos dos painéis de Nuno Gonçalves, Eanes, Hermínio Martinho e Cavaco são três caras de pau que ganharam, cada um a seu modo, uma parcela da vontade colectiva que os portugueses têm de sair desta indefinição em que temos vivido e que tanto, a todos, tem prejudicado. Somente que...

Somente que nenhum deles, quer por si, quer em conjunto, detém a força de mudar o rumo que desde trás temos vindo a seguir, a mentalidade de falar na iniciativa Privada, mas querer a segurança da protecção estatal, a rigidez duma Constituição que as forças destrutivas invocam sempre que alguém procura reconduzir o País para a ordeira e lógica disciplina a que o Progresso obriga, o respeito pela propriedade (independentemente da sua natureza) a admiração pelos competentes criadores de riqueza e assim por diante. Ou seja a completa inserção dos Portugueses nos padrões e valores do Mundo Livre (ou da Civilização Ocidental, se preferirem...) por forma a não ser um anátoma ser rico, a não se ser criminoso de guerra só porque se tem uma herdade maior.

Justiça houve na derrota de Soares. Injusta, porém, foi a amplitude da mesma. Bom é que Cavaco saiba, a tempo, pôr as barbas de molho...

Associação e de Publicações  
DAÇÃO  
PAR  
IRO